

A PRÁTICA DA ECO PEDAGOGIA E SUAS POSSIBILIDADES

Lucinete Vieira Pauli¹
Angela Barbara Tischner²
Ferenc Kiss³

RESUMO

O presente trabalho, sendo parte do requisito para a conclusão do curso de especialização em educação ambiental, foi elaborado durante um processo de aprendizagem e comprometimento com o meio ambiente. Foi pensado no tema plantas medicinais e aromáticas como proposta ecopedagógica, na escola e pela ação direta do professor na sala de aula na perspectiva de desenvolver uma consciência ecológica correta desde a infância nas pessoas. Desta maneira, para saber como a cultura e o nível de conhecimento sobre as plantas medicinais e aromáticas e o uso das mesmas têm sido consideradas por parte da comunidade escolar foi necessário: identificar o interesse por parte dos docentes no assunto, fazer um levantamento do conhecimento da comunidade, disponibilizar informações para o emprego correto das plantas medicinais. Sensibilizar os alunos em relação a importância da cultura que envolve as plantas medicinais e aromáticas, trazendo para o meio escolar a experiência de suas famílias. Durante o processo foi possível notar que a cultura do uso das plantas medicinais e aromáticas está presente em todas as pessoas envolvidas no projeto e que é do interesse de todos ampliar seu conhecimento sobre o mesmo. O tema gerador foi pensado como oportunidade para fortalecer a cultura do uso das plantas medicinais transformando essas informações numa ferramenta didática na escola como tema gerador para uma possibilidade de um espaço educador sustentável.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Ecopedagogia. Aprendizagem. Compromisso.

¹ Pós Graduada em Educação Ambiental pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

² Orientadora do Curso de Pós Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

³ Orientadora do Curso de Pós Graduação em Educação Ambiental pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA.

1. INTRODUÇÃO

A educação ambiental está prevista como tema transversal através da Lei 9795/99 e deve estar articulada em todas as disciplinas curriculares de ensino, pois possibilita ao aluno o reconhecimento e discussão sobre a realidade dos problemas existentes para que ele aprenda a respeitar o que está a sua volta com responsabilidade.

Para fazer frente às raízes da crise civilizatória, típica da Modernidade Avançada, este novo paradigma educacional se estrutura contrapondo-se na prática às bases da crise. Daí caracterizar-se pela interdisciplinaridade, pelo pensamento complexo e pela ética da sustentabilidade (LEFF, 2001).

Colaborativamente com outras práticas sociais, a EA tem por função contribuir para a transformação da sociedade, formando cidadãos com uma consciência crítica, autônomos, solidários e cientes do mundo em que vivem (MACHADO, 2011). Trata-se de nova maneira de pensar os espaços educadores, considerando que ocorrerão mudanças em sua organização, em seus conteúdos e mesmo nas relações entre as pessoas, coerentes com uma educação valorizadora da construção de uma sociedade justa, solidária e fraterna (COPELLO, 2006, in MACHADO, 2011).

Para isso é necessário pensar na formação de educadores ambientais como um processo complexo. Envolve a construção de habilidades, conhecimentos, atitudes e valores próprios à transformação paradigmática proposta pela Educação Ambiental, a qual constitui-se simultaneamente em paradigma educacional inovador e propositora de novo paradigma civilizatório, tal como fundamentado nos documentos históricos de nascimento e institucionalização da EA: a Declaração de Tbilisi (1977), o Tratado de EA para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global (1992), a Lei Nacional 9795/99 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

A ação educativa (HABERMAS, 1989) pretendeu, no curso, contribuir para subsidiar práticas na direção de concretizar sociedades sustentáveis a partir de uma racionalidade Ambiental (LEFF, 2011) de fato. Neste sentido, a preocupação com as práticas pedagógicas eficazes vem ganhando espaço, isto porque, a realidade a ser trabalhada com esses sujeitos é ampla e voltada para a transformação, a criação e a construção de um mundo ambientalmente equilibrado

dentro de uma perspectiva crítica.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a aprendizagem e o desenvolvimento ao longo do curso de especialização em educação ambiental que contribuiu para formação continuada de educadores. O curso permitiu o desenvolvimento da capacidade de exercitar a reflexão da ação pedagógica, e de habilidades como pensar para fazer o aluno pensar, pois a prática só será eficaz e de qualidade quando estiver colaborando para que os alunos também possam refletir e agir de forma responsável e autônoma perante o meio em que vive.

E no presente curso de pós-graduação em Educação Ambiental a pesquisa-formação se mostrou como caminho metodológico adequado para viabilizar a reflexão dos educadores ambientais em formação sobre os processos que os formam enquanto tais, possibilitando, com isso, influenciar práticas para uma EA transformadora, a partir de um projeto coletivo. Por este motivo, constituiu exercício do curso elaborar um TCC dividido em duas partes complementares, aqui apresentadas neste relatório: a) a redação de um memorial autoavaliativo relativo ao próprio desenvolvimento enquanto educador ambiental durante o curso; e b) a realização de um projeto coletivo de intervenção comunitária com foco educativo-ambiental, consubstanciado posteriormente em um texto descritivo e analítico da experiência.

A realização do projeto coletivo teve por tema “Plantas medicinais e aromáticas: Uma oportunidade ecopedagógica”, e perante pesquisa realizada com duas turmas de 5º anos de duas escolas municipais da região do município. Pretendeu-se levantar informações sobre as plantas medicinais e aromáticas utilizadas pela comunidade, seu conhecimento e interesse por parte dos educadores sobre o assunto. O tema em questão pode servir como base para levantar outros questionamentos com alunos como: meio ambiente, economia, qualidade de vida, saúde pública, pois este serve como tema gerador.

De acordo com o autor (FREIRE, 1993) são assuntos do cotidiano dos alunos que devem fazer parte da prática pedagógica, trazendo o que está fora dos portões da escola, nas casas dos alunos, e que com isso faz com que sintam valorizando a sua cultura. No Brasil há uma pluralidade de pessoas com legados culturais diversos e que fazem partedo cotidiano da humanidade.

Como se depreende, o trabalho foi organizado em bases qualitativas, as quais possuem vantagens como “apreender o caráter complexo e multidimensional

dos fenômenos em sua manifestação natural”, e permitir “capturar os diferentes significados das experiências vividas no ambiente escolar de modo a auxiliar a compreensão das relações entre os indivíduos, seu contexto e suas ações” (ANDRÉ, 1983, p. 66).

A possibilidade de fazer uma análise ao fim do curso permite refletir sobre as modificações no modo de agir perante a prática educacional e de vida. Tratando os problemas ambientais de forma mais complexa e que está muito além do que uma simples separação do lixo. É mudança de hábitos, atitudes, na forma de pensar.

Durante o projeto coletivo pode-se perceber que houve uma mobilização e participação de toda a comunidade no projeto. Que a comunidade faz o uso de plantas medicinais e aromáticas, mesmo que de forma errônea. Os alunos têm interesse sobre o assunto, até mesmo pelo fato de poder sair da sala de aula e mexer no solo e fazer o plantio. Que o espaço da escola possa se tornar um espaço educador sustentável, que todos possam contribuir coletivamente criando práticas sociais sustentáveis.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 DESENVOLVIMENTO DE PROJETO COLETIVO - PLANTAS MEDICINAIS E AROMÁTICAS UMA OPORTUNIDADE ECOPEDEGÓGICA

Nesta seção será apresentado o projeto coletivo realizado durante o curso. A sua exposição segue o formato de artigo científico, pois espera-se fazer a publicação em revista e/ou evento científico na área de Educação Ambiental.

2.1.1 Plantas Medicinais e Aromáticas: Uma Oportunidade Ecopedagógica

O conhecimento sobre as plantas medicinais e aromáticas é milenar e seus estudos começaram a fazer parte da humanidade, segundo Caravaca (2000), “talvez por instinto, por intuição e até mesmo através da observação dos animais, que se valem dessas valiosas plantinhas para a cura de seus males”. Muitos desses conhecimentos são estudados cientificamente e fazem parte da indústria farmacêutica, sendo este um dos motivos pelos quais a cultura do uso das plantas

têm sido esquecida. Os autores Oliveira; Labra; Bermudez (2006) citam alguns motivos:

Nos últimos anos, nos países em desenvolvimento, as questões dos medicamentos e da assistência farmacêutica vêm ganhando espaço na agenda governamental e na sociedade [...] Nas últimas décadas, tem-se ampliando a abrangência do medicamento, de modo que, hoje, existem produtos para quase todas as enfermidades (OLIVEIRA, LABRA, BERMUDEZ, 2006, p. 2380).

O avanço tecnológico trouxe consigo benefícios, mas também malefícios visíveis à sociedade, portanto é preciso aprender a valorizar as práticas tradicionais e a utilizar das riquezas da região do país. Por isso, o objetivo do trabalho foi fortalecer a cultura do uso das plantas medicinais e aromáticas no ambiente escolar.

A temática plantas medicinais e aromáticas possibilita abranger vários aspectos da Educação Ambiental (EA) e da ecopedagogia. Segundo Gadotti (2010), a ecopedagogia está relacionada ao “conceito de vida cotidiana”, o qual é parte dos interesses pessoais dos alunos para o desenvolvimento de novas capacidades, em uma relação de harmonia com o meio.

Segundo Leff (2008 p.128), a educação ambiental “que gere uma consciência e capacidades próprias para que as populações possam se apropriar de seu ambiente como fonte de riqueza econômica (...)” e que tem como objetivo disseminar conhecimentos considerando aspectos da realidade do aluno, com a intenção de refletir sobre os problemas ambientais e sua condição de vida, permitindo caminhar para uma sociedade sustentável.

A educação ambiental foi implementada na educação formal pela lei N° 9.795/99 (Brasil, 1999), que afirma em seu Art. 2°: “A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente de forma articulada em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não formal”.

A ecopedagogia, segundo Gadotti (2000), implica numa reorientação dos currículos escolares que incorpore princípios defendidos pelo movimento pedagógico e que traspasa dentro o que está fora dos muros das escolas. Para o autor, a ecopedagogia é um movimento preocupado com questões econômicas, sociais e culturais, que vai além de pensar a preservação da natureza, é possibilitar uma relação de harmonia na perspectiva de mudar as relações humanas, sociais e

ambientais de hoje.

O tema plantas medicinais e aromáticas, quando tratado como ferramenta ecopedagógica, permite também abordar a pluralidade cultural, que trata das heranças culturais que convivem na população brasileira. E abordar as variedades culturais de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2006 p. 121) “diz respeito á valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais” aos quais os alunos têm convivências exteriores à escola e que, ao trabalhá-las, pode-se contribuir para o fortalecimento e o uso cultural das plantas medicinais.

Diante dessa premissa, procurou-se trabalhar as plantas medicinais e aromáticas como um tema gerador nas Escolas Municipais Érico Veríssimo e Três Bandeiras, onde o projeto foi realizado. O projeto foi planejado para trabalhar com toda comunidade escolar e os responsáveis pelos alunos, através de diferentes atividades: pesquisas, entrevistas, atividades ecopedagógicas, visitas de campo. Sendo considerada uma oportunidade ecopedagógica, o professor tem a possibilidade de trabalhar o resgate dos costumes passados de geração em geração, valorizando a cultura do uso e cultivo destas plantas.

Sendo assim, esta pesquisa torna-se relevante ao apresentar o resgate do saber popular perante ensino formal por meio da ecopedagogia, possibilitando o desenvolvimento da consciência ecológica e o cuidado e a importância da preservação da biodiversidade, do bem estar comum e social entre estudantes dos 5º anos do ensino fundamental das instituições participantes.

2.2 SOBRE A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A educação ambiental, segundo Guimarães (2005), tem caráter instrumental para o direcionamento social, possui a intenção de promover a reflexão da ação do homem, exercita a capacidade de mudança social dentro da esfera educacional, produz a capacitação e sensibilização nas pessoas para lidarem com os problemas ambientais e busca ferramentas que facilitem o processo de tomada de consciência frente às questões ambientais e a ação conjunta para a solução dos mesmos.

A lei 9795/99 garante que a educação ambiental seja desenvolvida na educação formal de forma interdisciplinar. Foi elaborada pelo Ministério da

Educação (MEC) e está organizada pela rede escolar e atribuída em currículo.

Analisando aspectos estruturais da EA no ambiente escolar, levando em conta sua base à interdisciplinaridade, a autora Carvalho (2011) destaca uma construção de práticas inovadoras que possibilitem criar e recriar novas formas de organização do trabalho pedagógico, deixando de lado a reprodução.

Sendo assim, é importante que os educadores propaguem em suas escolas e na comunidade o que a educação ambiental possibilita refletir sobre a realidade vivida, para criar um ambiente em equilíbrio com a natureza. Rosa (1998) afirma que o cidadão que deseja assegurar um planeta equilibrado e sustentável para as próximas gerações tem a obrigação que compreender como os elementos da natureza reagem diante das ações da humanidade. A retomada desse equilíbrio aponta para mudanças, formando novos padrões de comportamento e valores frente a este desafio.

Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, foi instituído que toda escola deveria ter um projeto político pedagógico (PPP). Este projeto deve conter as características que os diretores, professores, funcionários, responsáveis e alunos pretendem construir para a sua escola, e a formação que deseja para esses alunos. Segundo Veiga (1995), o PPP é elaborado com a participação democrática da comunidade escolar e do entorno. Tem o papel de garantir a função social da escola, essencial à formação dos novos cidadãos, na medida em que os saberes selecionados por uma sociedade e os seus valores serão transmitidos e construídos mediante ações educativas.

O papel formativo da escola é destacado também por Freire (2001), ressalta que a articulação entre conteúdos escolares e realidade dos educandos, permeada de conflitos sociais, permite que eles se percebam como agentes capazes de intervir e transformarem a própria realidade. Portanto projetos como de plantas medicinais e aromáticas, de acordo com a necessidade/realidade da comunidade, pode constar no P.P.P. como um projeto a ser desenvolvido durante o ano letivo.

Os autores Seniciato e Cavassari (2004) afirmam haver forte tendência das pessoas só cuidarem e preservarem aquilo que tem contato. Criando possibilidades para que ele valorize e que se sinta parte do meio ambiente em sua totalidade. Os autores consideram também que contemplar o resgate da história, dos costumes e práticas do local, é uma possibilidade de fortalecer a

identidade que o aluno tem para dar início a um município educador sustentável, que trás princípios da carta da terra: respeitar, cuidar, construir comunidades democráticas e garantir os recursos para as gerações futuras.

Segundo Gadotti (2001) alguns valores devem sustentar a ecopedagogia que são: sacralidade, diversidade e interdependência com a vida; preocupação comum da humanidade de viver com todos os seres do planeta; respeito aos direitos humanos; sustentabilidade; justiça, equidade e comunidade; autonomia e prevenção dos danos causados. A ecopedagogia é entendida como um movimento pedagógico para o desenvolvimento da sociedade sustentável.

A sustentabilidade está ligada a um novo modelo de organizar a sociedade, pensando no bem estar comum, fazendo com que o ser humano se sinta parte do meio ambiente valorizando os recursos naturais.

A pesquisadora física e ambientalista, Dra. Shiva (2003) faz uma crítica ao modo como o mundo tem tratado do tema sustentabilidade tentando manter os processos de produção e desenvolvimento seguindo a lógica de mercado, visando os lucros e a acumulação de capital. O verdadeiro significado para sustentabilidade implica em voltar a reconhecer a fonte primária do sustento humano, que são os recursos naturais.

Sabendo-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais e aromáticas é tão antigo quanto o homem, e desde os primórdios da humanidade se recorre aos princípios ativos de origem vegetal. Seja para busca de alimentos ou cura para problemas de saúde. Pode-se destacar que as heranças culturais são dos mais variados povos e que muitos desses conhecimentos são utilizados até os dias de hoje.

2.3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado mediante pesquisa quantitativa, qualitativa e de intervenção em duas escolas municipais de Foz do Iguaçu: E.M Érico Veríssimo e E.M Três Bandeiras, com uma turma de 5^o ano de cada escola. O contato inicial foi realizado com as diretoras das escolas, explicando o projeto e solicitando suas parcerias para que o projeto fosse autorizado e iniciado.

Iniciamos com uma avaliação diagnóstica nos locais, sendo proposta uma entrevista com os professores regentes das turmas escolhidas. Realizamos uma entrevista informal para identificar o nível da importância que tem o assunto plantas medicinais e aromáticas para esses profissionais.

Com os alunos foi trabalhado um exercício de percepção, onde cada um recebeu uma folha em branco, e pedimos para que nela escrevessem o que entendiam sobre o assunto, tendo como exemplo as palavras: salsinha, canela, hortelã e camomila. Em seguida, responderam a um questionário para que respondessem de modo a facilitar a o planejamento e definição do projeto enquanto processo.

Também foi entregue um questionário para que cada aluno fizesse uma investigação em sua casa, com seus responsáveis, sobre o conhecimento popular de alguma planta medicinal ou aromática, o nome da planta, com qual intenção que a pessoa faz o uso e de onde vem esse conhecimento.

Houve um contato com o Refúgio Biológico da Itaipu Binacional para firmar uma parceria, tendo em vista que o local abrange um ervanário de plantas medicinais, onde conversamos com a Agrônoma Liziane Kadine, responsável pelo espaço, que nos recebeu prontamente. A parceria foi importante para potencializar o Refúgio Biológico enquanto espaço educador sustentável, considerando-se que está passando por este processo.

O projeto propôs uma mobilização social em forma de redes, pois os alunos participaram de todas as iniciativas envolvidas ao projeto e que seus responsáveis participaram respondendo aos questionários, também foi possível a parceria com a Itaipu Binacional com uma palestra com a responsável pelo Refúgio e visita pedagógica com alunos e professores. Dentro da comunidade escolar, a interação dos professores dos 5º anos, merendeiras, pais dos alunos, supervisão e direção que farão a manutenção dos canteiros de plantas medicinais e aromáticas. Todos esses participantes colaboraram juntamente com ações para a construção do conhecimento e para o objetivo comum que é a transformação do local pensando em um espaço educador sustentável.

Foi proposta uma palestra no evento “Dia da família”, na E.M. Érico Veríssimo, sobre o tema do projeto para alunos, professores e responsáveis. A palestra teve como representante a agrônoma Liziane Kadine, que iniciou contando um pouco da história das plantas medicinais e aromáticas e de como o homem começou a se beneficiar do seu uso. Também explicou o uso correto dos chás e

apresentou algumas plantas mais comuns da nossa região.

Cada uma das turmas, em datas diferentes, participou de uma visita pedagógica ao Refúgio Biológico, na Itaipu Binacional, destinado especificamente às plantas medicinais e aromáticas potencializando a sensibilização e uma aula sobre os benefícios destas plantas. Após esta visita ao Refúgio Biológico de Itaipu, foi solicitado que cada aluno entregasse uma redação sobre o que ele aprendeu e quais suas percepções sobre a cultura do uso das plantas medicinais e aromáticas.

Por fim, foi preparado um canteiro de plantas medicinais no espaço escolar com alunos e professores da E.M. Érico Veríssimo e E.M. Três Bandeiras, usando pneus e mudas de algumas plantas que já haviam sido citadas nas entrevistas e questionários. As mudas utilizadas foram plantadas e cuidadas pelos alunos e funcionários participantes do projeto.

2.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Avaliando os resultados do projeto e comparando com o objetivo proposto, foi possível constatar que em ambas as escolas há um conhecimento razoável sobre plantas medicinais e aromáticas e que as plantas mais citadas são também as mais utilizadas por essas comunidades escolares e que, inclusive, são cultivadas nos próprios quintais de suas casas, seguindo os costumes passados de geração em geração pelos pais, familiares e/ou responsáveis.

Analisando-se o conhecimento sobre plantas medicinais desta amostra, foi possível identificar as noções de conhecimento da comunidade sobre este assunto e valer-se do tema como ferramenta para estimular atividades de pesquisa para os alunos e comunidade, especialmente sobre a importância de saber sobre o emprego correto das plantas medicinais, conforme evidenciado na palestra ministrada durante o projeto, para garantir melhor qualidade de vida.

As respostas obtidas ao conversarmos com os professores nos deram noção do quanto seu conhecimento sobre as plantas medicinais e aromáticas é vasto, que eles fazem uso e que o conhecimento também foi passado pela família deles. Também notamos como eles trabalhariam com seus alunos em sala de aula. Podemos perceber que o interesse deles pode influenciar em usar essa ferramenta ecopedagógica ou não para se trabalhar no currículo interdisciplinarmente.

Os professores questionados afirmaram que os alunos são bem receptivos

com esse tipo de metodologia onde eles podem trabalhar tanto dentro como fora da sala, o que os deixam muito empolgados quando podem trabalhar na prática com a terra, os aromas, gostos, saberes e sabores.

Afirmaram ainda responderam que já trabalharam superficialmente o tema com seus alunos, inclusive interdisciplinarmente, em uma aula sobre a cultura indígena, e fizeram experiências com mudinhas plantadas em vasilhinhos na sala de aula, incentivando-os a levar essa prática para realizar em casa. Em outro momento, os professores contaram que já participaram de pesquisas e seminários sobre as propriedades nutritivas e curativas das plantas medicinais e aromáticas, facilitando assim o preparo das aulas.

Grande parte destes disse gostar do assunto e ter vontade de aprimorar os conhecimentos. Sequencialmente, sobre a pesquisa inicial, ou atividade de percepção, as crianças ficaram muito empolgadas com as palavras e logo escreveram seus entendimentos sobre elas.

Para a análise das respostas de cada aluno, foram considerados alguns critérios:

- Se escreveu se é usada como especiaria, a resposta foi selecionada como tempero.
- Se escreveu que é chá e que é usado para curar algum tipo de enfermidade, foi selecionada como planta medicinal.
- Em algumas das respostas as crianças relacionaram a palavra escolhida ao preparo de chás, mas descreveu como tempero.

Observou-se que, em ambas as escolas, algumas crianças associaram as palavras tanto como planta medicinal de poder curativo como tempero ou especiaria. Dentre algumas respostas os alunos citaram que a planta serve tanto para medicinal como para tempero.

Portanto, podemos perceber que há um conhecimento popular, às vezes equivocado e que o projeto permitiu que esses conhecimentos fossem ampliados e/ou esclarecidos. Com a palestra, por exemplo, foi possível aprender mais sobre os efeitos das plantas, o modo de preparo (infusão, decocção) e como fazer o uso.

Podemos ressaltar que em ambas as escolas todos os alunos têm vontade

de aprender mais sobre o assunto. Dentre as justificativas, as respostas estavam relacionadas com: cura e remédio acha interessante por isso quer aprender mais, porque faz parte da natureza e porque não conhece e quer conhecer, gosta dos cheiros, quer saber o nome das plantas e porque que a família faz uso e quer saber quais são venenosas e as que não são e para ajudar o meio ambiente.

Um dos destaques das entrevistas com os alunos foi à vontade deles em fazer um canteiro de plantas medicinais na escola, o que talvez fosse algo simples para os adultos, para eles significa estar em contato direto com algo mais concreto sobre o tema proposto, o cuidado, a sensibilização.

Sobre as redações produzidas a partir da visita pedagógica ao Refúgio Biológico de Itaipu, foi possível verificar que as crianças foram muito detalhistas, perceberam muitos detalhes além do que foi dito pela palestrante na trilha. Eles puderam ver as árvores que têm propriedades medicinais e expressaram isso de forma clara, a maioria gostou muito do propósito da visita. A maioria dos alunos iniciou as redações explicando sobre o vídeo que assistiram antes de ir para trilha. A maioria lembrou e destacou na redação o nome das plantas e o potencial medicinal ou culinário de cada uma. Por exemplo, a melissa, uma planta que serve para fazer chá, a hortelã que, além de ser utilizada para fazer chá, também serve como tempero. A babosa também foi citada nas redações, associada à cicatrização de queimaduras e cuidados com os cabelos. Além destas, a citronela foi lembrada como repelente natural e a menta, que tem gosto e cheiro de chiclete. Muitos alunos não conheciam o capim limão brasileiro e ficaram surpresos. Também relataram na redação que se lembravam do cheiro do alecrim. Mencionaram o cuidado com os animais e com as plantas. Um dos alunos retratou a paixão que os colaboradores do Refúgio têm pelo o que fazem.

Uma das redações dos alunos chamou a atenção pelo fato de o aluno se lembrar que os nomes científicos das plantas servem como identificação em qualquer país. Também escreveram sobre o banco de sementes, falaram do cheiro e textura das plantas, que puderam sentir durante a atividade sensitiva que foi realizada em frente ao canteiro, pela palestrante.

Em relação ao questionário respondido pelos responsáveis dos alunos com intuito de investigar sobre seus conhecimentos de plantas medicinais e aromáticas, observa-se que se obteve uma lista com mais de 27 nomes populares diferentes de plantas, sendo as mais citadas: capim cidreira, hortelã, camomila, boldo e erva

doce.

Todos responderam que fazem ou fizeram uso de plantas medicinais e mencionaram nomes de plantas já citadas em outros momentos. Em suas respostas, as plantas mais citadas por eles são para uso de calmante natural, como: o capim cidreira e a camomila. Podemos destacar que o conhecimento sobre o uso das plantas medicinais e aromáticas ainda está presente nesta amostra. Todos os entrevistados fazem o seu uso, seja medicinal ou culinário.

2.5 PROPOSTAS PEDAGÓGICAS

Sendo essa pesquisa um direcionamento para os professores perceberem que é de interesse do aluno aprender sobre as plantas medicinais e aromáticas, é de relevância apontar algumas propostas para que essa temática seja abordada em sala de aula, enquanto uma oportunidade ecopedagógica.

Com base nesta investigação, sugere-se que enquanto se trabalha um conteúdo do currículo escolar, pode-se falar de outro conteúdo na mesma perspectiva, fazendo dele mais flexível. Por exemplo: enquanto se estuda a vegetação e os tipos de plantas, pode-se abordar as plantas medicinais associadas aos biomas e ecossistemas estudados.

Uma alternativa ecopedagógica para essa aprendizagem pode ser a realização de uma visita pedagógica ao ervanário do Refúgio Biológico Bela Vista, dentro da área da Itaipu Binacional. No caso deste projeto, houve uma importante parceria. O projeto do ervanário e plantas medicinais na Itaipu Binacional fazem parte do programa Cultivando Água Boa. Este ervanário está se transformando em um espaço educador sustentável para pesquisa e vários outros projetos relacionados às plantas medicinais e aromáticas.

Também se sugere levar pessoas mais idosas para conversar com as crianças, porque elas têm um saber vasto, tanto cultural quanto regional. E como podemos perceber em nossa análise, muitas das crianças fazem referência ao conhecimento e/ou hábitos adquiridos no ambiente familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem dos conceitos da ecopedagogia perpassam pelos objetivos e metodologias deste projeto no contexto pedagógico, por se tratar de um movimento que tem como um dos princípios a valorização da realidade do cotidiano do aluno, e que permite trazer a cultura que está fora dos muros da escola para dentro da sala de aula, potencializando a conexão entre a família e a escola, entre a comunidade e os livros didáticos, entre os saberes do senso comum para os saberes curriculares.

A escola tem uma contribuição bem específica na aprendizagem. É neste local que o aluno vivencia diariamente a diversidade cultural, no contato com os professores, colegas e outros. O ambiente escolar é um lugar privilegiado, sendo que diariamente as crianças trazem suas experiências que podem ser socializadas, e também levam da escola informações e vivências que são passadas aos familiares, criando redes de conhecimento.

Apesar de o currículo escolar ser pouco flexível, é fundamental que o professor adapte seus conteúdos enquanto ferramentas ecopedagógicas, quebrando as barreiras das disciplinas tratando-as interdisciplinarmente.

Percebe-se com este trabalho que há várias possibilidades de se oportunizar um projeto com plantas medicinais e aromáticas na educação formal, trazendo aspectos da educação informal e não formal.

A criança se sente mais estimulada a aprender, se o vínculo entre professores e pais (responsáveis) for mais estreito, permitindo que o aprendizado se torne mais significativo e eficiente, pois, trata de relacionar o que o aluno trás de aprendizagem de casa com o que ele aprende na escola.

Com o presente projeto pretendeu-se que a escola tenha um elo para a possibilidade de se tornar um espaço educador sustentável, que todos possam contribuir coletivamente com a comunidade escolar: responsáveis e colaboradores criando práticas sociais sustentáveis. Sendo um exemplo o canteiro de plantas medicinais e aromáticas, que foi construído com a participação dos alunos e da comunidade escolar, valorizando o cuidado com o ambiente, com a natureza e com a vida.

Esta proposta oferece uma oportunidade para que os professores possam refletir e atuar, com base nos princípios da ecopedagogia, bem com participação da família, valorizando atividades ao ar livre, contato com a natureza e

fortalecimento da cultura do cultivo das plantas medicinais e aromáticas, a fim de que os conteúdos façam sentido para os alunos, que de acordo com Gadotti (2000) possam desenvolver “novas atitudes, reeducar o olhar, o coração”, e assim, promover uma cultura da sustentabilidade no âmbito da formação de cidadãos no ambiente escolar e familiar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, E. R. **As plantas medicinais brasileiras**. São Paulo: Hemus, 1993. 339p.

FERREIRA, A. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. **Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica: Brasília (DF), 2006 v.I; il.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/>, acesso em: 29 de junho 20016.

CARVALHO, I. C. de M. **A invenção do sujeito ecológico: sentidos e trajetórias em educação ambiental**. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4ª ed. Ijuí: Unijuí, 2006.

CUNHA, A. P. **Plantas e Produtos Vegetais em Fitoterapia**. Lisboa: Fundação Caloste Gulbenkian, 2003.

CARAVACA, H. **Plantas que Curam**. São Paulo: Virtual Books. 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Ed. 50. 2011.

GASPAR, L. **Plantas Mediciniais**. Pesquisa Escolar Online, fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 de maio de 2016.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e Educação Sustentável**. In: Torres, C.A. (Org.) Paulo Freire y la agenda de la educación latinoamericana en el siglo XXI. Buenos Aires: Clacso, 2000.

GADOTTI, M. **A ecopedagogia como pedagogia apropriada ao processo da carta da Terra**. Artigo Disponível em: www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm> acesso em: 30 de junho de

2016. **Gestão escolar**. Org. Br. **Aprendizagem questões essenciais projeto políticopedagógico**. Acesso em 28 de junho de 2016.

GUTIÉRREZ & PRADO, **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**, São Paulo: Cortez, 1999.

GUIMARÃES, M. **Educação Ambiental – “ No consenso um embate”**. 3º ed. Campinas. Papirus, p.28 2005.

LOPES, A. C. **Reflexões Sobre Currículo: “As relações entre senso comum, saber popular e saber escolar”**. Brasília-DF, ano 12, n. 58, p. 15-22, abr./jun. 1993.

LEFF, E. **Verde Cotidiano, o meio ambiente em discussão**. 3º ed. Dp Et Alii. 2008.

MENDONÇA, R. H. **Espaços educadores sustentáveis**. Ano XXI Boletim 07 – Junho 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. National policy on traditional medicine and regulation of herbal medicines– Report of a WHO global survey. Genebra, 2006.

OLIVEIRA, E. A. DE; LABRA, M. E; BERMUDEZ, J. **A Produção Pública de Medicamentos no Brasil: uma visão geral**. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro. Nov 2006. <www.scielo.org/pdf/csp/v22n11/12.pdf> Acessado em: 18/05/2016.

SILVEIRA, P. **Como Usar Produtos Naturais: para uma vida saudável**. Santa Maria, RS: Pallotti, 1999.

SHIVA, V. **Monoculturas da Mente**. Brasil: Gaia. 2003.

RODRIGUES. S. **A Importância da Cultura na Formação do Cidadão**. Disponível em: <<http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?Codigo=57>> Acesso em: 30 de junho de 2016.

VEIGA, I. P. A.. **Projeto Político Pedagógico da Escola: “ uma construção possível”**. Campinas: Papirus, 1995.

